

O DIALETO DAS NARRATIVAS DIGITAIS NA ESCOLA: experimentações etnográficas com secundaristas.

Fabício David de Queiroz

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Fabício David de Queiroz

Docente do departamento de filosofia no CEPAE/UFG, pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos Novas Tecnologias e Educação/UFG e ao Núcleo de Estudos em Educação, Violência, Infância, Diversidade e Arte/UFG, graduado e mestre em filosofia, e discente da 16ª turma de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG.

Resumo

O presente texto explora o trabalho de campo realizado com estudantes secundaristas a partir de experimentações etnográficas em uma roda de conversa sob o contexto de aula. Procura-se a abordagem cultural referente à relação da juventude com a escola pela interdisciplinaridade entre as áreas da educação e da antropologia. A fratura da formação escolar com o dialeto das narrativas digitais coloca o problema da investigação. Assume-se o paradigma da imagem como panorama da contemporaneidade para pensar a condição humana. Justifica o esforço aqui empreendido o descompasso cultural premente entre a escola e os estudantes, as concepções das ciências sociais que negligenciam a condição humana da juventude, a empreita da antropologia voltada para o tema da juventude e, por fim, os entraves da formação escolar contemporânea em vista de relações culturais partilhadas. A atividade pedagógica de uma roda de conversa com o tema das narrativas digitais e o respectivo registro audiovisual realizado pelos estudantes e investigadores foi objeto de uma etnografia experimental neste trabalho. Assim, realizou-se uma tentativa de trabalho pedagógico que trouxe a cultura juvenil para o contexto escolar, o que evidenciou a necessidade de integração cultural no processo formativo para superar a imediata experiência dos estudantes com as narrativas digitais e para viabilizar a prática pedagógica. A constituição filosófica de um problema teve seu início pela produção de um vídeo etnográfico, resta-lhes desenvolver a liberdade que a câmera lhes permite viver e pensar pela imagem.

Palavras-chave: Narrativa Digital, Educação Escolar, Juventude, Etnografia.

Abstract

This text explores the field-work carried out with high school students from ethnographic experiments in a circle of conversation under the context of the class. The cultural approach related to the relationship between youth and school is sought through interdisciplinarity between the areas of education and anthropology. The fracture of school education with the dialect of digital narratives put on the problem of investigation. The image paradigm is assumed as a panorama of contemporaneity to think about the human condition. The effort here undertaken justifies the pressing cultural gap between the school and the students, the conceptions of the social sciences that neglect the human condition of youth, the anthropological endeavor focused on the theme of youth and, finally, the obstacles of contemporary school education in view of shared cultural relations. The pedagogical activity of a conversation circle with the theme of digital narratives and the respective audiovisual record made by students and researchers was the subject of an experimental ethnography in this work. Thus, there was an attempt at pedagogical work that brought youth culture to the school context, which evidenced the need for cultural integration about formation process to overcome the students' immediate experience with digital narratives and to make pedagogical practice feasible. The philosophical constitution of a problem began with the production of an ethnographic video, it remains for them to develop the freedom that the camera allows them to live and think through the image.

Keywords: Digital Narrative, School Education, Youth, Ethnography.

Introdução

O presente trabalho investiga a integração das narrativas digitais na cultura escolar, de modo a ponderar a cisão entre a cultura juvenil arraigada na experiência de visualidade das mídias digitais e a cultura escolar restrita ao paradigma da leitura e da escrita analógicas¹. A posição que assumimos nesta investigação

¹ Lançamos mão desse termo para evidenciar a diferenciação tecnológica a partir da era digital, principalmente pelas mudanças provocadas na comunicação e expressão pertinentes às novas tecnologias a partir de meados dos anos 70. Ressaltamos ainda a experiência cultural escolar prioritariamente mediada pelos textos impressos e pela produção escrita dos estudantes.

é a da possibilidade formativa do uso das narrativas digitais pelo trabalho didático interdisciplinar. A atividade etnográfica inerente à área da antropologia, portanto, pode se articular com a área da educação a partir de experimentações do campo da antropologia visual. A abordagem acerca do dialeto das narrativas digitais indica que o campo de pesquisa onde se insere o esforço interpretativo aqui proposto está no coletivo de indivíduos usuários das novas tecnologias de comunicação. Assim, a questão que permeia nosso trabalho está em saber se o encontro da peculiar linguagem de jovens estudantes na era digital com a experiência etnográfica interdisciplinar pode constituir o trabalho formativo no âmbito escolar.

De forma geral, o objetivo que se pretende alcançar está na discussão sobre o uso da narrativa digital como produção avaliativa em uma aula dialogada com secundaristas a partir da atividade de uma roda de conversa. Os participantes são estudantes da turma de disciplina eletiva “Juventude, Educação e Mídias: perspectivas filosóficas”, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG). A fim de poder realizar a leitura etnográfica dos registros consolidados na perspectiva da antropologia visual, recorreremos aos instrumentos ‘observação-participação’ e ‘reflexividade’. Para tanto, na ocasião restrita deste estudo, esperamos sintetizar o conteúdo das falas dos participantes a partir da proposta da aula onde ocorreu a roda de conversa, selecionar e destacar nas narrativas desenvolvidas com os registros audiovisuais, tanto dos estudantes quanto do professor e do pesquisador integrantes da atividade, os elementos suficientes para o estudo aqui proposto nos campos da antropologia e da educação.

A questão cultural entre antropologia e educação

Ao assumir a relação interdisciplinar entre os campos da antropologia e da educação tomamos como seu ponto de encontro uma questão cultural, subjacente ao contexto das ciências humanas, acerca da juventude contemporânea. As gerações vindas após o advento da fotografia, do cinema, da televisão, da informática e da internet se encontram sob um espectro cultural controverso, principalmente diante dos paradigmas culturais da formação escolar. Enquanto Aranha (2006) faz um panorama da história da educação e da pedagogia e se depara na contemporaneidade com a dualidade da instituição escolar entre a formação humanista e a laboral, Rocha e Santaella (2015) discutem a onipresença dos jovens nas redes como indicativo do espírito desta época. Sibilia (2012) confronta tais eventos destes tempos, da escola e da mídia digital, e busca compreender a condição cultural da juventude imersa neste cenário para a formação. Em suma, estas e as demais leituras que abordam o universo cultural na contemporaneidade, levam-nos a crer que para uma empreender uma abordagem cultural sobre a juventude devemos transitar por campos diversos, a fim de não legitimar e reforçar leituras malfeitas que atuam, sobretudo, para mazelas sociais e humanitárias desses indivíduos.

Para compreender a questão cultural que pretendemos trabalhar pela cooperação interdisciplinar, recorreremos a princípio ao estudo de Sposito (2009) a respeito de alguns aspectos da leitura das ciências sociais sobre a juventude. Ao tratar do Estado da Arte sobre os estudos do tema juventude, a pesquisadora alerta a respeito dos diversos caminhos que algumas ciências tomaram na determinação excludente ou de assujeitamento a partir da concepção de juventude que teorizam. Em desconsideração à condição juvenil, ao seu panorama aberto de possibilidades e contradições, incorre-se na imposição a cada indivíduo de uma concepção de juventude que determina de modo restritivo seu papel sócio-histórico como sujeito. Neste sentido, é intrigante um dado apresentado pela socióloga, um levantamento realizado entre 1999 e 2006 demonstra que 6,1% da produção discente em programas de mestrado e doutorado se dedicou ao tema da juventude, enquanto que na antropologia essa proporção é de 10,8%, quase o dobro (Sposito 2009, 20). Segundo nosso raciocínio, diante da presença insuficiente do tema da juventude nos estudos da área da educação, tem razão

Sposito ao dizer, então, que “Trata-se de compreender o que o jovem faz com o que fazem dele” (2009, 39). O conhecimento a respeito da condição juvenil na era digital, sua cultura que se distancia cada vez mais da escola, é urgente.

Precisamos justificar a partir do que fora exposto acerca da juventude a compreensão de cultura com a qual estamos trabalhando. Para Terry Eagleton: “De uma forma aproximada, a cultura pode ser resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem a forma de vida de um grupo específico” (2000, 52). Logo, entendemos a investigação acerca do dialeto das narrativas digitais como uma das leituras possíveis sobre a cultura juvenil contemporânea, o que nos diz sobre aquilo que o jovem faz apesar das leituras alarmistas contra sua relação com as novas tecnologias, assim como apesar pretenso determinação dos malogros da indústria cultural e da sociedade de classes sobre estes sujeitos.

Ao situar a cultura juvenil na era digital é fundamental esclarecer seu comprometimento com a condição humana emergente de seu tempo, antes mesmo de privilegiar a qualquer crítica às novas tecnologias:

O ponto da *virada*, portanto, é dado pela informação visual. Tal *virada* começa com a chegada da televisão. [...] é justamente a televisão que, antes de mais nada, vai modificar, e essencialmente, a própria natureza da comunicação, deslocando-a do contexto da palavra (seja impressa ou transmitida pelo rádio) para o contexto da imagem (Sartori 1997, 21, destaque do autor).

Neste sentido, buscamos o diálogo com a experiência cinematográfica, que indica uma condição antropológica ambígua do olhar espectador, “é o sujeito imagético que traz ao mundo o sujeito falante” (Mondzain 2010, 68). Dado contexto de emergência das mídias visuais no horizonte cultural da humanidade indispõe o *Homo Videns*² de Sartori ao contexto escolar onde tradicionalmente resiste o homo sapiens ou, sob a égide da ciência moderna, a dualidade cartesiana que entende o ser humano cindido entre a *res extensa* e a *res cogitans*³.

Belloni (2009) defende a necessidade da instituição de uma área de conhecimento denominada mídia-educação. Não é possível mais falar na formação do homem a despeito do amplo papel da mídia, o que para nós é um dos aspectos mais importantes da cultura na era digital. É urgente avançar da constatação dos efeitos nefastos da instrumentalização da racionalidade para a superação do diagnóstico caótico no cenário educacional, onde flagramos os resultados pífios dos estudantes que, em grande medida, rechaçam o legado da cultura escolar em seu paradigma racionalista do moderno Iluminismo europeu. Desta monta, cabe ressaltar o que diz Cristina Corea em seu texto “Pedagogía y comunicación en la era del aburrimiento”, na obra “Pedagogia del aburrido: escuelas destruidas, familias perplejas”, publicado pela editora Paidós, em Buenos Aires, no ano de 2010: “O que se esgotou foi o paradigma sobre o qual, durante quase um século, pensamos os fenômenos de significação e a produção da subjetividade” (citada em Sibilia 2012, 64).

A questão da cultura para antropologia também fora acometida pelos perigos da concepção teórica, o que pode resultar em exclusão ou assujeitamento, neste caso entre o etnólogo / antropólogo e o sujeito descrito pela pesquisa etnográfica. Ribeiro (2003, 81) observa que os primeiros trabalhos antropológicos foram marcados pelas viagens dos ocidentais às colônias, em nossa opinião, marcados por uma relação hierárquica que sobrepunha uma cultura a outra. Anderson, em seu texto “Ethnographic hypermedia: transcending thick description”, de 1999, esclarece que a voz onisciente – do antropólogo tradicional – dá lugar a uma pluralidade de interpretações, as correntes de estudiosos neste campo conseguiram delimitar e ponderar a relação de pesquisa que implicava de for-

2. Leia-se, o homem que vê.

3. Leia-se, “a substância pensante” e “a substância material, com corpo”.

ma nefasta as culturas que era alvo do trabalho etnográfico (citado em Ribeiro 2005, 630). Ribeiro complementa o esclarecimento: “[...] o objeto fundamental da antropologia, que não é a descrição de um real positivo e trans-histórico, mas um real resultante de um entrecruzar de olhares entre culturas diversas, histórica e culturalmente determinadas” (2003, 102). Deste modo, Ribeiro apresenta a reflexividade como uma abordagem da antropologia que contribui para uma melhor compreensão e produção do trabalho etnográfico, de uma relação cultural intersubjetiva subjacente ao trabalho de campo.

Pela questão cultural, educação e antropologia compartilham a tensão entre saber e fazer, ambas áreas de conhecimento incorrem na expectativa de emancipação ou dominação das relações de cultura que se estabelecem, tal como a que pode ocorrer entre a juvenil e a escolar. Por sua vez, Gusmão (2015, 21) procura identificar a possibilidade de uma relação interdisciplinar entre educação e antropologia:

O desafio de “fazer-fazendo”, de “aprender e ensinar”, enquanto “ensina e aprende” consiste em esforços de “re-unir” teoria e prática, ensino e aprendizagem, quando se fala em educação. Não qualquer educação, mas educação como processo que, inerente à condição humana, transfigura-se numa condição específica e escolarizada nas chamadas sociedades de classe – sociedades de marcada hierarquia e desigualdades, como é o caso da sociedade brasileira. Contudo, processos educativos ocorrem em meio à vida vivida, como parte das relações humanas que não se restringem ao espaço da escola, como é suposto em sociedades como a nossa. E, nesse sentido, é que se podem pensar as possibilidades de uma antropologia da educação ou as relações entre antropologia e educação.

Compreendemos, portanto, que o trabalho educativo também diz respeito à dinâmica antropológica de “fazer-fazendo” tal como em um trabalho de campo. Só faz sentido falar em paradigma esgotado, como propõe Sibilia (2012), pela percepção atenta ao cotidiano escolar, prioritariamente na aula. O desajuste entre as narrativas digitais e o letramento analógico, segundo tal leitura, põe em questão: formação para qual cultura? Gusmão propõe, ainda, que

[...] a educação é compreendida como partilha, comunicação e troca, pressuposto da aprendizagem e componente fundamental da cultura. Entende-se que não é possível tratar da educação sem falar em cultura e não se pode falar em cultura sem considerar a educação (2015, 22, grifo nosso).

Ao recorrer à antropologia visual para o trabalho de campo no contexto da educação escolar, remetemos nossa investigação ao desenvolvimento de um filme etnográfico, o que oportuniza a crítica acerca do uso da imagem para a pesquisa. Ribeiro propõe uma forma narrativa: “Essa se centraliza na prioridade dada à observação, à construção da narrativa baseada na imagem, às vozes e sonoridades locais, à utilização de arquivos documentais” (2005, 624-5). Aderimos a esta proposta, cuja experimentação etnográfica ocorreu em uma roda de conversa junto a estudantes do CEPAE/UFG através de seu registro audiovisual. Vislumbramos no campo interdisciplinar aqui exposto tanto a partilha como relação cultural entre os próprios estudantes, e entre eles e o professor, tão como a integração do dialeto da narrativa digital que lhes é familiar para o registro e participação na atividade. No escopo desta atividade pedagógica, temos em vista a perspectiva de Gusmão, “[...] a antropologia como ciência busca avaliar as diferenças e proporcionar alternativas de intervenção sobre a realidade de modo a não negar as diferenças” (2015, 25). A questão cultural, portanto, deve ser objeto de atenção do investigador neste *campo* – de uma aula com a roda de

conversa com secundaristas – a fim de ir ao encontro do cotidiano da juventude no contexto de formação escolar e se apropriar das diferenças culturais como subsídio do trabalho pedagógico.

Não se trata aqui de meramente realizar a escolha por este ou aquele processo formativo, elitizar ou popularizar o ensino oferecido nas escolas, como ocorrera ao longo da modernidade, conforme Aranha (2006) descreve a dualidade escolar. Olhar para a cultura juvenil, neste sentido, requer o questionamento da concepção de juventude que rotula esta geração contemporânea da era digital e seus desdobramentos como nativos digitais. Cabe perguntar: A segregação de uma parcela de indivíduos sob uma leitura equivocada de domínio e destreza técnica dos aparatos digitais exige a pedagogia contemporânea da tarefa de pensar a formação escolar e a cultura que a sustenta? Resta a estas gerações os suplícios de serem moldados por uma escola que, segundo Sibilia (2012), é uma maquinaria obsoleta? Face a estas questões, alinhamo-nos à advertência de Santaella, é tarefa da nossa geração passar o cetro de luz à próxima (2015, 43).

Ao professor que se dirige ao encontro da educação com a antropologia, a fim de realizar seu trabalho de formação, cabe também a afirmação de Gusmão: “Nesse sentido, a ciência antropológica é essencialmente comparativa” (2015, 26), para ir ao encontro da cultura juvenil a partir da cultura escolar e, quiçá, comparar “o passado e o presente dos grupos ou sociedades que estudamos **e de nós próprios como sujeitos em relação no processo de pesquisa** (Ibid., grifo nosso). Parece-nos que a tarefa prioritária que a antropologia nos ensina diante da questão da cultura está na reflexividade. Contudo, é necessário se apropriar de uma condição prévia para integrar ao trabalho pedagógico a estratégia epistemológica da antropologia: realizar no contexto escolar um *trabalho de campo*. Ribeiro retoma seu texto “Oh que sabe! As imagens, as palavras ditas e a escrita de uma experiência social e ritual”, publicado no Porto pela Edições Afrontamento, em 2000: “A investigação em antropologia resulta de uma experiência única vivida (trabalho de campo) pelo antropólogo no terreno que, em tudo, assume contornos de um ritual de passagem” (citado em Ribeiro 2003, 68). A passagem a que se refere o pesquisador permitirá que o professor possa ser original diante dos problemas no trabalho formativo em relação à cultura dos estudantes; ir ao encontro de outra situação distante da cultura escolar de onde parte; estabelecer liames e rupturas na relação de ensino-aprendizagem com seus estudantes; e por fim, produzir conhecimento na área educacional e interferir nos discursos de seus pares. Ressalvamos nestas colocações o esforço de realizar uma releitura do rito de iniciação ou passagem dos antropólogos para os educadores que vislumbram a interdisciplinaridade aqui defendida.

Uma vez que o professor se investe do papel de investigador, já não atua no contexto escolar sob as mesmas condições, “Todos os investigadores estão, até certo ponto, ligados a uma parte do objecto da sua pesquisa” (Ribeiro 2003, 96). Suas relações sociais e institucionais com os sujeitos participantes da pesquisa têm influência incontornável sobre o trabalho, seja ele pedagógico ou antropológico. Deste modo, há diferentes perspectivas nas quais o trabalho de campo pode ocorrer à luz da antropologia, que oscilam entre a objetividade da pesquisa de forma que o pesquisador interfira minimamente na investigação e a subjetividade que admite a uma interação profunda do investigador com os sujeitos observados. Em suma, consideramos que a antropologia reflexiva, que emerge destas distintas formas de trabalho de campo, vem ao encontro de nossa proposta de uma antropologia em casa, isto é, onde o investigador tem uma relação intrínseca na observação. Sobretudo, no que tange a sua relação de ensino, é escopo deste trabalho “estudar como os informantes respondem à presença do investigador [...]” (Ribeiro 2003, 98), em vista do trabalho de formação escolar e suas demandas.

A questão cultural que abordamos deixa claro que a “voz do estudante” é indispensável e constitui o problema que permeia este trabalho. Peláez, ao tratar da consideração ao ponto de vista do nativo realizado pelo trabalho de Malinowski em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, descreve que: “Na conjunção de uma possível objetividade e uma abordagem à subjetividade dos atores (o

“ponto de vista nativo), se consolida o método etnográfico de uma antropologia profissional [...]”(2013, 219, tradução nossa). Posto isso, buscamos na antropologia visual uma forma de realizar o trabalho etnográfico que possa contemplar o dialeto da narrativa digital na escola. Para tanto, é necessário compreender as diferentes formas de observação a que o investigador em antropologia dispõe. Ribeiro (2003, 230) expõe detalhadamente o papel do observador no trabalho de campo, dentre os quais, interessa-nos a figura do participante-observador. Esta estratégia de investigação é partilhada, propõe negociação de ponto de vista e saberes entre os participantes, ocorre tensão e compromisso entre saber local e global, entre o ‘eu’ e o ‘outro’ inscritos em diferentes historicidades. O trabalho de campo que desenvolvemos no CEPAE/UFG adotou como procedimento metodológico para a narrativa digital o registro audiovisual com o celular, pelo qual desenvolvemos a tarefa etnográfica de observação descrita a seguir.

Narrativa visual de uma roda de conversa

Devemos explicar o contexto da atividade que será objeto de nossa investigação. A disciplina eletiva na qual a turma de estudantes participou da roda de conversa compõe a grade curricular obrigatória do ensino médio no CEPAE/UFG. A disciplina é oferecida de forma semestral, neste caso, trabalhamos no 2º semestre de 2018. A turma é composta por estudantes do 1º, 2º e 3º anos. Sua ementa foi proposta pelo departamento de filosofia⁴, e em seu planejamento consta o estudo sobre aspectos históricos e culturais da juventude, seus espaços educacionais – a escola, a família e a sociedade –, e o papel das mídias na cultura e subjetividade contemporâneas, com a especificação das mídias visuais mais comuns entre os jovens. Dentre os objetivos do Plano de Ensino, destacamos: Apresentar questões contemporâneas para uma formação filosófica da juventude, contudo, conforme o estudo desenvolvido neste texto, podemos afirmar com segurança que o objetivo da disciplina passa também pela tomada de consciência dos sujeitos sobre seu papel social e histórico, o que coaduna com atividade pedagógica da roda de conversa no encerramento do trabalho formativo naquele semestre letivo.

O planejamento da referida atividade parte da proposta de realização de um trabalho de campo na disciplina “Trabalho de Campo e Narrativas Digitais”, oferecida pelo professor José da Silva Ribeiro no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV/UFG), no 2º semestre de 2018. Dentre vários instrumentos etnográficos, entendemos que a observação é a estratégia de leitura crucial para a atividade junto aos estudantes, além da redação de um diário de campo. Ao utilizar recursos de mídia visual no processo ensino-aprendizagem, buscamos outra abordagem didática aos conteúdos teóricos, mas também viabilizar o trabalho etnográfico, uma vez que para o trabalho de campo

há, por vezes, a tendência para dar importância sobretudo ao traço escrito desta experiência (notas de campo e diário de campo), é, no entanto, necessário referir que as imagens gráficas acompanharam desde sempre as descrições dos exploradores (Ribeiro 2003, 105)

Deste modo, a observação vem ao encontro tanto de uma condição metodológica da antropologia visual quanto da proposta pedagógica e didática da disciplina do CEPAE/UFG. Esclarecemos, entretanto, que o objeto de análise em tela se trata apenas dos registros audiovisuais coletados pelos estudantes e pelos investigadores⁵, dados os limites deste trabalho.

Em sua obra “Dilemas de la cultura. Antropología, literatura y arte en la pers-

4. Para mais informações, acesse: www.cepae.ufg.br/up/80/o/Caderno_de_Ementas_Eletivas_2018.atualizada_dia_11.02.pdf

5. Os discentes envolvidos no trabalho de campo na disciplina do PPGACV são o professor Aurisberg Leite Matutino (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e o professor Fabrício David de Queiroz (CEPAE/UFG).

pectiva pós-moderna”, publicada em Barcelona pela Gedisa Editorial, em 2001, Clifford argumenta que o diário é um texto que não se restringe à voz de seu autor, é polifônico e força enfrentar as complexidades da experiência etnográfica, e conclui que é preciso tratar os textos acerca do trabalho de campo como construções parciais (citado em Peláez 2013, 223). A produção das filmagens na atividade da roda de conversa, portanto, buscou integrar o dialeto das narrativas digitais às demais vozes que constituem o trabalho de campo na escola. É preciso reafirmar a questão cultural, sobretudo, para dizer da etnografia experimental como viabilidade da relação entre o professor e o estudante, ou entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Logo, a atividade realizada junto aos estudantes ressoa a leitura que Peláez apresenta sobre a atualidade da antropologia:

Na busca de novas alternativas aos problemas da etnografia clássica, a nova antropologia pós-moderna explora novos modos de fazer etnografia. Surge a “etnografia experimental”, onde se justapõem documentos autobiográficos, múltiplas vozes narrativas, transcrições de textos históricos. Começam a surgir os modos dialógicos de escrita (George Marcus, Jean-Paul Dumont, Paul Rabinow, Vincent Crapanzano e Renato Rosaldo) sobre o registro de dar lugar à polifonia ou plurivocidade dos atores, **e escapar da voz em terceira pessoa**, pretensamente objetiva, das etnografias clássicas. Todos estes autores são impulsores de uma etnografia questionadora do objetivismo científico que intenta escapar da voz monológica e totalizante característica da etnografia clássica (2013, 224, tradução e grifo nosso).

De forma específica, a participação-observante pode conferir à leitura de experimentação de um filme etnográfico uma situação interdisciplinar, em nosso caso, pedagógica e antropológica. A relação entre a cultura juvenil e a cultura escolar se apresenta por suas múltiplas vozes e pela complexidade das relações entre os sujeitos ali presentes no contexto de formação. Quando apresentamos a proposta do plano de ensino da disciplina, também consultamos os estudantes sobre a possibilidade de realização de trabalhos para investigação e pesquisa do professor. Esclarecemos que a ementa foi pensada sob as demandas da cultura juvenil e da cultura escolar, isto é, para contemplar as necessidades que os estudantes trazem para a escola assim como o trabalho de formação que o professor realiza junto a eles. Buscamos primeiramente abrir canais de negociação ao longo do processo e nas aulas, o que foi aceito pela turma.

Com o decorrer das aulas, foi possível articular a participação dos estudantes em alguns eventos da Faculdade de Artes Visuais junto aos investigadores. Em setembro, alguns foram ouvintes da mesa de trabalho sobre o filme “Práticas de Cinema na Escola”, exibido no Cine-UFG. Em outubro, realizaram a visita guiada à Exposição Fotográfica “Descida do Rio Níger” e participaram da I Mostra Internacional de Cinema Estudantil, realizado no 15º Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFG. Por fim, nas últimas aulas do semestre letivo, já havíamos acertado a roda de conversa com a turma. Nem sempre foi fácil convencê-los quanto à participação em momentos fora da escola, isto nos faz crer que é importante para os estudantes um plano de curso, ainda que resolvam interferir nele.

Três etapas merecem destaque na preparação da roda de conversa: (i) a escolha dos *gatekeepers*, (ii) a exibição de vídeos na aula anterior e (iii) o roteiro da aula com a atividade. No que diz respeito ao item (i), havia uma situação persistente durante as aulas, o que nos trouxe uma preocupação: a apatia dos estudantes em falar nas discussões das aulas. Tal fato poderia ser um obstáculo para a roda de conversa. Diante disso, recorreremos à escolha de *gatekeepers*, conforme explica Ribeiro: “Trata-se, por um lado, de indivíduos que numa dada instituição ou organização têm o poder formal de conceder ou recusar o acesso a pessoas ou

situações ligadas à investigação” (2003, 83). De modo geral, podemos dizer que são denominados porteiros, aqueles que podem articular o trabalho do investigador junto ao seu grupo. Marcamos, então, uma conversa com duas estudantes para expor as necessidades da atividade e organizarmos sua articulação com os colegas, a fim de criar uma situação confortável e propícia para a discussão. Para tanto, acertamos que elas iriam ter atenção ao desenvolvimento da atividade e a participação dos colegas, e interpretar seus comportamentos de modo a provocá-los para a discussão. Durante nossa conversa, ambas concordaram com a proposta, assumindo suas condições privilegiadas frente ao grupo, conforme o entendimento do professor. Assim, a percepção de suas interferências nas aulas também foi objeto de atenção e problematização no trabalho.

Quanto ao item (ii), diante da proposta de registro audiovisual da atividade, optamos na aula anterior pela exibição de uma série de vídeos selecionados para refletir sobre a construção de uma narrativa digital, grande parte foram vídeos amadores feitos por celular com o registro de acontecimentos cotidianos. Enfim, o ponto (iii) diz respeito ao roteiro da aula planejado pelos pesquisadores e entregue aos participantes para que pudessem desenvolver cada etapa da atividade. O cerne do trabalho está nas conversas realizadas em três momentos, cujo o tema era ‘A Construção das narrativas nas mídias’. No primeiro momento os estudantes dividiram-se em duplas (e um trio), no segundo em dois grupos separando cada dupla e o trio, e por fim, no terceiro formamos a roda de conversa com todos os estudantes, inclusive com a participação do professor. Nestes três momentos foram registradas as atividades pelos próprios estudantes e pelos investigadores, foram utilizados os próprios celulares dos participantes e uma câmera semiprofissional.

A experimentação que se desenvolveu ao longo de todo o curso da disciplina eletiva diz respeito à utilização das mídias visuais no processo metodológico das aulas. A aproximação com o cinema abre a perspectiva filosófica para a formação dos estudantes:

O paradoxo do cinema pode ser definido de duas maneiras: a primeira, e mais filosófica, é dizer que ele constitui uma relação inteiramente singular entre o artifício total e a realidade total. De fato, o cinema é uma possibilidade de uma reprodução da realidade e, ao mesmo tempo, o lado inteiramente artificial dessa reprodução. Em outras palavras, o cinema é um paradoxo que gira em torno do “ser” e do “parecer” (Badiou 2015, 36).

Deste modo, a relação ensino-aprendizagem assume outra dinâmica a partir das experiências de objetividade e subjetividade dos estudantes. Além das leituras e discussões valorizou-se a produção de conteúdo dos estudantes estreitamente relacionadas à utilização de mídias digitais nas aulas. Foram realizadas filmagens, análise e avaliação de filmes estudantis, diálogos por redes sociais, estudos e atividades em espaço virtual de aprendizagem (AVA), e exposição crítica e comentada de produções audiovisuais selecionadas.

De modo substancial, a experiência com a imagem foi trabalhada pedagogicamente na expectativa de alcançar a condição descrita por Mondzain: “Podemos tentar ver nascer e reconhecer o sujeito que se tornará um dia o espectador do mundo e que também dará a ver a outros sujeitos os mundos que ele vê;” (2010, 30). Ao que Ribeiro complementa:

Essa se centraliza na prioridade dada à observação, à construção da narrativa baseada na imagem, às vozes e sonoridades locais, à utilização de arquivos documentais. É esse processo que melhor caracteriza o trabalho antropológico e que se tornou método tanto no cinema documentário (Flaherty, Vertov) como na antropologia visual (Rouch, MacDougall, John Marshall, Trinh T. Minh-há) (2005,

Assim, a partir do material que foi coletado nos registros audiovisuais realizamos junto a um profissional de edição a montagem de um vídeo etnográfico. Em relação à descrição das falas deste material, os nomes dos estudantes serão abreviados como forma de manter sua privacidade e atender aos dispositivos éticos e legais necessários. Todos os participantes assinaram termos de consentimento junto aos seus responsáveis.

De modo geral, podemos sintetizar as falas em duas questões que dinamizaram as discussões: a) As formas de exposição e relacionamento que temos com as redes sociais; b) As influências que as mídias e os usuários exercem entre si. Para um melhor acompanhamento das atividades, iremos classificar as falas abaixo.

1) Primeiro momento - reunião em duplas

O grupo formado em trio questiona a manipulação que cada um exerce em nas postagens em redes sociais pelas suas escolhas, pois visam influenciar o público, assim como também questionam a influência que sofrem. Assim, eles diferenciam a influência das novas mídias e das antigas devido a diferença entre a relação presencial e à distância. Na dupla 1, a jovem I. explica que não gosta de aparecer em suas narrativas visuais nas mídias; seus registros são de acordo com seu próprio gosto, às vezes mostra o que está fazendo se achar que vai ser interessante. Por sua vez, a jovem Mi. explica que posta tudo o que faz e busca o interesse das pessoas. Na dupla 2, a jovem Ma. relata que usa as mídias, mas não com muita frequência; ela compartilha coisas de seu cotidiano, mas não com todo mundo, apenas com pessoas próximas. O jovem L. age de forma semelhante de sua colega, e esclarece que compartilha o que pode gerar interesse das pessoas e o que lhe agrada também; ele problematiza que prefere presenciar os momentos do que registrá-los. Na dupla 3, o jovem M.T. diz que usa as redes sociais para se comunicar, publica o que acha engraçado e coisas de seu cotidiano para que as pessoas vejam. O jovem M.L. explica que publica o que lhe agrada e acontecimentos engraçados da escola.

2) Segundo momento - reunião em dois grupos

No grupo 1, todos dizem prezar pela privacidade, exceto a jovem Mi. O jovem L. esclarece que compartilha apenas o que acredita agregar algo para si e para os outros com quem compartilha conteúdos nas redes sociais. O jovem M.U. explica que as redes sociais podem ser manipuladas por nós, enquanto as mídias tradicionais, como o livro e o jornal, manipulam a gente. A jovem Mi. comenta que procura influenciar as pessoas com suas publicações. Já o jovem M.T. explica que não faz muitas publicações, busca por interações apenas. Ele comenta que sua dupla publica vídeos de comédia e não gostam de mostrar a própria imagem nem seu dia a dia. No grupo 2, todos também têm reservas quanto à publicidade de suas postagens. A jovem Ma. esclarece que compartilha conteúdos apenas com pessoas mais próximas. O jovem M.L. explica que sua dupla posta coisas engraçadas e que as pessoas poderão gostar. A jovem I. explica que publica pouco e não gosta de mostrar a si própria. A jovem A.C. pontua a conclusão de seu grupo: as pessoas publicam nas novas mídias para os outros verem e entenderem a interação que fazem com as mídias. A conversa se aprofunda, então, a jovem M. problematiza que as pessoas não vivem o momento e optam em compartilhar conteúdos para outras pessoas, podem até mesmo não gostar do que compartilham, mas querem causar boa impressão. A.C. esclarece que postamos preocupados com a impressão sobre os outros e seguimos uma lógica de postagem que toma por referências outras pessoas influentes, sendo esta uma demonstração de como a mídia nos molda.

3) Terceiro momento - reunião em roda de conversa

A jovem M. foi escolhida porta-voz do grupo 2, assim, ela apresenta a síntese das conversas anteriores: há diferenças de privacidade nas publicações que cada um realiza e a percepção das influências entre as pessoas nas redes sociais buscando causar uma boa impressão. O jovem L. é o porta-voz do grupo 1,

da mesma forma que o outro grupo, sua síntese diz a respeito de privacidade e influências nas publicações em redes sociais; sua reflexão explica que as várias formas de influência pelas mídias procuram homogeneizar os gostos das pessoas. Após as falas dos porta-vozes, o professor intervém e revela que o tema das conversas sobre as relações de influência o surpreendeu; ele questiona a ideia de homogeneização pelas novas mídias e problematiza a suposta imposição de uniformidade a despeito das influências a que também podem estar submetidas. O jovem M.U. pondera o questionamento do professor, ele afirma que há pessoas que são referência para várias outras, e detém poder de influência, mesmo no meio da diversidade, os grupos querem influenciar o diferente a ser como eles. O jovem L. concorda e explica que nas aulas de educação física sua turma pesquisou sobre as blogueiras, tendo percebido uma imposição de padrões de beleza. Em seguida, o professor retoma a fala e compara a atividade da aula anterior com a questão discutida sobre influenciar as pessoas pela mídia através de uma manipulação. Assim, levanta a questão sobre qual é a possibilidade de construir a própria história se estamos condenados à manipulação das narrativas midiáticas que uniformizam. A jovem A. reforça o questionamento, se somos livres para postar porque tomamos a referência de outras postagens? Por conseguinte, a jovem M. procura uma resolução, concluindo que somos livres para postar, mas que fazemos isso para mostrar para os outros. No final da roda de conversa, o professor revela o que combinou com as jovens A.C e A. e pergunta o que os participantes perceberam. As jovens escolhidas afirmam que não conseguiram cumprir com o combinado, mas não perceberam necessidade, e os colegas afirmam que não perceberam diferença.

Após esta sintetização do conteúdo das falas da roda de conversa, voltamos nossa atenção à construção das narrativas com os registros audiovisuais. O professor não orientou de que forma deveria ser as filmagens, deixando os estudantes livres para produzirem seus vídeos, a única determinação era que a atividade seria utilizada para a avaliação. Compreendemos que a concepção multitécnica do método etnográfico, como proposto por Peláez, dispõe a prática metodológica à interdisciplinaridade, pois

[...] podemos reformular, principalmente sob um contexto onde o “argumento técnico” nos permite uma liberdade e criatividade maiores nos desenhos metodológicos, enquanto são úteis ou eficientes para alcançar nossos objetivos cognoscitivos (2013, 231, tradução nossa).

No encontro entre antropologia e educação, neste caso, requer-se o conhecimento não apenas das questões a respeito das mídias e seus usos, mas de suas implicações culturais sobre a juventude, o que implica em um olhar sobre si e em reflexividade. A opção didática pela narrativa digital observa a valorização do dialeto dos jovens estudantes usuários das redes sociais a fim de evitar a já combatida noção de transmissão de conhecimento da pedagogia tradicional. Para tanto, eles utilizaram seus próprios aparelhos celulares.

As primeiras cenas com as duplas apresentaram uma característica quase comum, não mostravam o rosto dos estudantes, com exceção de uma das duplas que trabalhou sua narrativa em forma de entrevista. Dois grupos trabalharam a gestualidade das mãos articulada com suas vozes, porém, um deles também desenvolveu as falas em forma de entrevista, enquanto o outro apresentou uma conversa espontânea. A dupla que se dirigiu para a área aberta, registrou o céu e suas vozes que respondiam à questão da atividade sem se dirigir a alguém específico, apenas suas vozes os identificam na cena. De modo geral, ocorre uma graduação de exposição de si mesmo na sequência de imagens, desde a cena em que a câmera é colocada de frente aos estudantes até a cena em que não há ninguém na imagem. Nos demais momentos realizados no pátio, os grupos mantêm a exposição da gestualidade, sem mostrar o rosto, gravam a conversa entre eles com cenas que mostram seus pés próximos e suas vozes durante as falas. Em alguns

momentos, são filmados individualmente, mas ainda sem mostrarem o rosto. O desconforto diante das filmagens também acontece quando os investigadores, mesmo o próprio professor, realizam seus registros do trabalho desenvolvido, os estudantes por vezes reagem com risadas, olhares ou o comportamento se alterava durante a atividade.

A dinâmica proposta para as conversas entre os estudantes mostra que as narrativas se desenvolveram de forma gradual, no primeiro momento, na reunião dos pequenos grupos, foram registradas falas pontuais e articuladas, não havia discussões e sobreposição de vozes, ainda que houvessem opiniões divergentes sobre o assunto da conversa. Ouve-se com clareza cada fala, mesmo quando os grupos aumentaram a quantidade de participantes nos momentos seguintes. A postura dos estudantes nos diversos momentos era de envolvimento com a atividade e seriedade, com raros momentos de descontração. Enquanto algum colega falava os demais mostravam olhares atentos e postura corporal voltada para ele, permaneciam em silêncio e não dispersavam em conversas com os demais ou outros acontecimentos no local. Quem estava com a fala alternava seu comportamento entre um olhar reflexivo com uma fala clara e bem articulada, e a interação com os demais colegas com a troca de olhares e gestualidade com as mãos. O roteiro foi seguido à risca, em cada momento os estudantes conseguiam apresentar a síntese das falas dos momentos anteriores e estabelecer relações entre o que era dito pelos demais. Ao separar as duplas, nota-se que as narrativas de cada participante nos diferentes grupos eram coerentes.

A intervenção técnica aliada à metodologia etnográfica tem seus efeitos aparentes na atividade. É possível notar a organização da narrativa para a filmagem e captação de áudio em diversos momentos, e perceber a condição técnica que as câmeras e o gravador impõem na experimentação. A posição de alguns enquadramentos realizados na vertical demonstra o uso habitual do aparelho celular, a dificuldade de enquadrar as cenas pode ser percebida não apenas nos registros dos próprios estudantes, mas nos registros dos pesquisadores nos momentos preparatórios. Nota-se uma alternância entre os registros individuais e coletivos na construção da conversa ou das falas, na maior parte dos casos os estudantes criaram situações para mostrar a coletividade e a conversa como narrativa. A roda de conversa foi o momento que apresentou maior dificuldade técnica, pois não havia dispositivos suficientes para o registro dinâmico da conversa com uma maior quantidade de pessoas. Assim, a filmagem foi realizada com som assíncrono, cada vez que alguém queria falar, o gravador deveria ser passado de mão em mão.

No contexto da aula em que ocorreu a roda de conversa, além da exposição comentada da série de vídeos já dito anteriormente, solicitamos a leitura de um trecho do livro de Pierre Lévy “As Tecnologias da Inteligência”, onde ele trabalha o tema do ‘fim da história’. Apenas as estudantes A.C. e I. realizara sua leitura. O trabalho teórico desenvolvido na disciplina acerca do papel das mídias na cultura e na subjetividade, no entanto, aparece de modo implícito na atividade. Chama-nos a atenção o caminho que as conversas tomou para um problema comum, apesar da questão norteadora ser aberta, a discussão focou as influências das relações humanas pelas redes sociais. Percebemos que a experimentação da etnografia com registros audiovisuais, ainda que os estudantes não conhecessem a epistemologia do método, fomentou o que nos explica Piault em sua obra “Anthropologie et Cinéma”, publicada em Paris pela Nathan Cinéma, em 2000: “A construção de um filme poderia ser considerada como um empreendimento metafórico da produção do sentido pelo homem na dinâmica da sociedade que exprime e sobre a qual exerce a sua acção” (citado em Ribeiro 2007, 18). A atividade ‘roda de conversa’ não ocorreu na forma das relações das redes sociais, pois havia a participação do professor com o trabalho de formação, contudo, o dialeto das narrativas digitais proporcionou aos participantes olharem para sua experiência da cultura juvenil sob o ponto de vista da cultura escolar, podendo buscar um sentido para aquilo que passa despercebido em seu dia a dia, ou não é objeto de suas reflexões pessoais.

A possibilidade do trabalho interdisciplinar não resolve por si a distância entre

a cultura juvenil e a cultura escolar, ao relegar o texto, os estudantes restringiram a atividade apenas à experimentação imediata com as mídias sob a tutela pedagógica da aula, deparando-se com a construção subjetiva de um problema – sobre as influências que exercemos e sofremos pelas mídias – que não dispensa as abstrações dos pesquisadores, cientistas, estudiosos etc, isto é, da cultura erudita que também é pertinente. Acreditamos que Agamben (2008) contribui com sua leitura acerca da contemporaneidade, devemos ter atenção ao liames e rupturas que articulam os tempos ou cada época. A juventude detém a cifra do presente, como esclarece Santaella (2015), todavia, o sentido que se buscou na roda de conversa requer da pedagogia o percurso formativo da cultura escolar. A integração do dialeto da narrativa digital pela a antropologia visual na escola dispõe a objetividade da cultura juvenil para o professor pela participação-observante tão como a subjetividade da cultura escolar para o jovem estudante, o que outrora era apenas um abismo sem fim de um trabalho formativo na cultura contemporânea.

Considerações finais

O refinamento que pode dar conta desta investigação – da formação dos estudantes pelo encontro entre a cultura juvenil e a cultura escolar – pode ser engendrado a partir das palavras de Ribeiro: “Propõe-se prestar atenção ao pormenor como revelador do todo. Ao detalhe que aponta para fora de uma singularidade ou especificidade cultural ou de uma determinada interação, que possui uma força de expansão” (2007, 11). A questão cultural que procuramos abordar pelo encontro interdisciplinar entre antropologia e educação trouxe para esta investigação, de um lado, a fratura entre o dialeto das narrativas digitais intrínseca à juventude e as exigências pedagógicas para a formação escolar na contemporaneidade, e de outro, a ponderação às concepções de juventude das ciências sociais que negligenciam o papel de sujeito e sua condição sócio-histórica desses indivíduos. Tendo em vista o maior interesse da antropologia pelo tema da juventude, conforme demonstrou Sposito (2009), e sua possibilidade de investigação das especificidades culturais, sustentamos a necessária interdisciplinaridade para enfrentar a questão cultural proposta ao longo deste estudo.

Para a incursão ao terreno da cultura juvenil escolhemos o caminho da visualidade implicado nas novas mídias sociais e buscamos na antropologia visual as possibilidades interdisciplinares que, de fato, conferissem ao contexto escolar o caráter de campo de trabalho. Cientes de que as relações entre professor e estudante na escola caracterizam uma situação específica de atuação, assumimos a noção de antropologia compartilhada como forma de desenvolver o trabalho de observação e reflexividade. Logo, a ferramenta que se apresentou adequada foi a etnografia experimental, a fim de considerar a complexidade dos papéis assumidos como professor e pesquisador, assim como dos sujeitos-estudantes em suas narrativas diversas.

O modo de observação com que trabalhamos parece nos colocar as disposições do investigador na pesquisa. Em todo caso, dentro do contexto escolar, dois sujeitos mantém relações de observação distintas, o professor e o estudante. Ao contemplar o dialeto das narrativas digitais em uma atividade escolar, o professor condiciona a experiência juvenil ao processo de formação. Ao estudante cabe a difícil tarefa de equacionar sua experiência com as exigências avaliativas. Em face do trabalho pedagógico, o *status* do professor na investigação lhe concede uma participação estreita com a pesquisa, desde o início ele já se encontra implicado, ainda que fora do contexto investigativo. Acreditamos que não é possível atribuir ao professor da turma participante do trabalho outra forma de observação que não seja a de participante-observador. Seus compromissos junto aos estudantes requerem uma investigação partilhada, resultado da negociação pedagógica entre saberes, em vista de uma formação humanista. Além disso, tais enlaces também solicitam a descrição da reflexividade dos sujeitos envolvidos, na perspectiva dessa antropologia compartilhada compreendemos

que “o processo de reflexividade, apropriação das imagens pelas pessoas filmadas, constitui uma outra forma de recepção [...]” (Ribeiro 2007, 14).

Ao explorar os conteúdos das narrativas e a construção dos registros audiovisuais, chega-se ao que podemos apontar como fundamento dessa investigação: “a presença de uma câmara muda tudo. O que fazemos em frente de uma câmara, mesmo se as pessoas não a vêem, o que normalmente não faríamos. Isto é uma das chaves da liberdade” (Ribeiro 2007, 33). Na leitura pedagógica assim como na antropológica, a *liberdade* detém função crucial a partir das relações que se estabelecem entre os sujeitos. Os estudantes que participaram da experimentação parecem ter tropeçado em uma questão filosófica, assim como Badiou (2015) descreve sobre as situações filosóficas do cinema, elas relacionam elementos que geralmente não tem relação entre si. O incômodo sobre as narrativas visuais e digitais repousa em nossa capacidade de afetar a realidade, pela qual se tensionam objetividade e subjetividade. A câmera intervém entre o sujeito e a realidade ao seu redor, e o convoca à liberdade, retira-o do conforto da realidade independente de sua ação como sujeito. Desta monta, para a formação de jovens estudantes a partir da experiência de visualidade mediada por dispositivos digitais é indispensável uma atividade pedagógica sustentada na condição humana. Neste sentido, a partir da análise antropológica de humanização pela imagem, Mondzain esclarece que “há um tempo para viver e haverá doravante um tempo para olhar a vida e para pensá-la” (2010, 33). Que estes pequenos detalhes da subjetividade de cada estudante possam vislumbrar o todo que tais relações de influência indicam ser a questão cultural para este tempo de redes sociais e exposição visual. Resta devolver as imagens aos estudantes para olhar a vida e pensá-la, quiçá, trazer mais leituras a enriquecer nosso pensamento e cultura.

Referências bibliográficas

- Agamben, Giorgio. 2008 [2009]. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Traduzido do italiano por Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos.
- Aranha, Maria Lúcia de Arruda. 2006. História da educação e da pedagogia: Geral e do Brasil. 3ª ed. São Paulo: Moderna.
- Badiou, Alain. 2015. “O cinema como experimentação filosófica”. Em Pensar o cinema: imagem, ética e filosofia, 31-82. São Paulo: Cosacnaify.
- Belloni, Maria Luiza. 2009. O que é mídia-educação. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados.
- Eagleton, Terry. 2000 [2005]. A ideia de cultura. Traduzido do inglês por Sofia Rodrigues. Lisboa: Actividades Editoriais Ltda.
- Gusmão, Neusa Maria Mendes. 2015. “Antropologia e educação: um campo e muitos caminhos”. Linhas Críticas [online], v. 21, nº 44, (jan/abr): 19-37.
- Mondzain, Marie-José. 2010. “As imagens que nos fazem nascer”. Traduzido do francês por Luís Lima. Em Homo spectator: ver-fazer ver, 29-80. Lisboa: Orfeu Negro.
- Peláez, Ismael Eduardo Apud. 2013. “Repensar el método etnográfico. Hacia una etnografía multitécnica, reflexiva y abierta al diálogo interdisciplinario”. Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología. [online], nº 16 (Enero-junio): 213-235.
- Ribeiro, José da Silva. 2005. “Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação”. Rev. Antropol. [online], vol. 48, nº2, 613-648.
- Ribeiro, José da Silva. 2007. “Jean Rouch - Filme etnográfico e Antropologia Visual”. Doc On-line. [online], nº3 (Dezembro): 6-54.
- Ribeiro, José da Silva. 2003. Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rocha, Cleomar e Lucia Santaella, org. 2015. A onipresença dos jovens nas redes. Goiânia, GO: FUNAPE: MEDIA LAB/CIAR UFG/ GRÁFICA UFG.
- Sibilia, Paula. 2012. Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão. Traduzidos do espanhol por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Sartori, Giovanni. 1997 [2001]. Homo videns: Televisão e pós-pensamento. Traduzido do italiano por Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC.

Sposito, Marília Pontes. 2009. "A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006)". Em O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006), 17-56. Vol. 1. Belo Horizonte, MG: Ed. Argvmentvm.